

## 06. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O número de construções de barragens em Portugal tem vindo a aumentar progressivamente, muito pela procura de solucionar uma serie de problemas relacionados com a escassez de água e ao mesmo tempo pelos benefícios que a acompanham, como por exemplo, a produção de energia eléctrica. Contudo, a construção de um empreendimento destas dimensões promove uma série de alterações no meio onde se integra, em variadas vertentes.

No presente estudo surgem dois territórios distintos, Alqueva e Foz Côa, que assumem perspectivas diferentes perante esta ideia de se introduzir uma estrutura hidroeléctrica.

O território de Alqueva, área correspondente ao Alentejo Central, apresenta hoje uma clara separação temporal marcada pela construção de uma barragem.

Anteriormente conhecido pelas extensas planícies onduladas pontuadas por vegetação, hoje é assinalado pela presença de um grande lago que surge como objecto de transformação e que leva a uma nova forma de olhar e habitar esta paisagem.

O rio deixa-nos a memória de um longo processo secular de ocupação em torno do vale. O lago, como sujeito de transformação, apresenta-nos uma nova realidade no reconhecimento e na percepção do território.

Passados cerca de 12 anos desde o enchimento da albufeira, ainda que no início de um longo processo de consolidação, é possível assumir algumas reflexões em torno deste território em transformação.

O impacto social foi um dos temas de maior destaque. Perante uma cultura tradicional alentejana, marcada pelos vastos campos e áreas de cultivo e montado, esta vê-se agora assinalada pela presença de um imenso plano de água que veio submergir cerca de 15 060 hectares desta área, criando ilhas e penínsulas ladeadas por este recurso natural, influenciando a relação entre as pessoas e também a relação destas com o próprio meio onde vivem.

Do mesmo modo, num projecto destas dimensões também provoca mudanças bastante significativas no ambiente económico, não só no período de construção, como ainda na fase de funcionamento. Em Portugal, uma percentagem muito significativa das necessidades de falta de água, está ligada à actividade agrícola e, por sua vez, a bacia do Guadiana tem esta como actividade económica principal. Perante esta situação, o regadio de Alqueva assume hoje um contributo fundamental para a promoção do desenvolvimento da região do Alentejo, satisfazendo as necessidades desde sempre identificadas e proporcionando a criação de novas culturas que eram impensáveis neste território devido às características climáticas da região.

Face às mudanças ocorridas neste território, nasce a necessidade de se criar um espaço interpretativo das memórias e das práticas sociais das comunidades envolvidas. Deste modo, surge um projecto arquitectónico da autoria do Arquitecto Pedro Pacheco e da Arquitecta Marie Clément, denominado Museu da Luz. Este evidencia-se subtilmente pelo seu desenho encaixado na topografia e a sua posição geográfica permite estabelecer, pontualmente, uma relação próxima com a nova realidade da Água.

Segundo o Arquitecto, este foi um projecto que desencadeou alguma dificuldade, pois envolvia questões sensíveis, a transformação de um lugar, uma perda e substituição de uma aldeia, a necessidade de que as pessoas têm em redescobrir a sua relação com um novo espaço, a transladação de um cemitério e a deslocação da igreja, criando

assim, a necessidade de se produzir um discurso que conseguisse ser produtivo em ambas as partes e perceber quais os elementos identitários, rituais, práticas e actividades que seriam importantes perpetuar.

Relativamente ao caso de Foz Côa este assumiu uma posição divergente.

Situado na região interior do norte de Portugal, próximo da fronteira com a Espanha, corre para o rio Douro, um afluente cujo nome se tornou universal - rio Côa, no qual se pretendia construir uma barragem com o mesmo nome.

Com a abertura do primeiro estudo de impacto ambiental foram descobertas as primeiras rochas paleolíticas da região, as quais desencadearam, posteriormente, a revelação de um vasto território marcado pela história.

Embora o governo tenha procurado conciliar a salvaguarda destes elementos e a elaboração desta estrutura, que estava prevista com o principal objectivo de garantir o caudal necessário para o funcionamento da “cascata do Douro”, quer através da deslocação das rochas gravadas para um parque temático, quer pela sua simples submersão, esta posição não foi aceite por todos.

Por um lado, encontravam-se aqueles que defendiam as vantagens que esta poderia proporcionar para este território. Por outro, estavam aqueles que defendiam estas gravuras ao ar livre, com mais de 20 000 anos e que comunicavam com a paisagem envolvente.

Neste estudo, foi necessário ter em conta, que embora a barragem não tenha sido finalizada, esta desencadeou uma serie de descobertas que levaram ao desenvolvimento progressivo desta região, contudo, este elemento impulsionador encontra-se, actualmente abandonado e deixado na memória daqueles que acompanharam este processo.

Quando o Parque Arqueológico do Vale do Côa abriu ao público nasce a necessidade de se criar um espaço que permitisse a contextualização do visitante a esta arte ao ar livre. Logo, foi aberta a candidatura para a construção de um museu, a qual o Arquitecto Camilo Rebelo e o Arquitecto Tiago Pimentel venceram, destacando-se pela implementação de um grande monólito que comunica com as três paisagens distintas que o envolvem, duas delas património da humanidade: o Douro Vinhateiro, o Vale do Côa e o Parque do Douro Internacional.

Para Tiago Pimentel “o papel de um arquitecto é responder a uma coisa muito precisa” e neste caso tinha a ver com a construção de um edifício que albergava determinadas funções, contudo os autores pretendiam também que este pudesse ser utilizado para além daqueles que o próprio âmbito do programa determinava, a partir da relação deste com a paisagem “criar uma plataforma que é feita pela paisagem e a partir desta.”.

Na presente dissertação foi elaborada uma curta-metragem, como instrumento de análise e reflexão sobre estes dois territórios, a partir do ponto de vista da arquitectura.

Esta apresenta dois casos de estudo e procura encontrar a resposta de qual será o papel que um arquitecto pode assumir perante estas paisagens transformadas, através da descrição das duas grandes estruturas impulsionadoras destas alterações e pela descrição dos projectos desenvolvidos (Museu da Luz e Museu do Côa), acompanhada por testemunhos de arquitectos e outras entidades de destaque.

Deste modo, é necessário ter em conta que a intervenção de um arquitecto para além de estabelecer uma interacção com o sítio de intervenção, procura também cumprir uma determinada funcionalidade. Neste caso, mais do que a apresentação de um